

## PRAGMATISMO E ACASO

### PARTE 2: O CONCEITO ARISTOTÉLICO DE POSSIBILIDADE REAL EM PEIRCE

#### *PRAGMATISM AND CHANCE*

#### *PART 2: THE ARISTOTELIAN CONCEPT OF REAL POSSIBILITY IN PEIRCE*

**José Renato Salatíel**

[jrsalatíel@hotmail.com](mailto:jrsalatíel@hotmail.com)

Centro de Estudos do Pragmatismo – PUC-SP

**Resumo:** Charles S. Peirce (1839-1914) definiu dois conceitos de acaso distintos mas complementares em sua filosofia. O primeiro, o acaso matemático, refere-se ao desconhecimento de causas complexas pelo entendimento humano, cujos fenômenos podem ser descritos pela teoria das probabilidades. Já o acaso absoluto é um princípio de contingência real e espontaneidade que viola, em algum grau, as leis da natureza. É o cerne da doutrina do tiquismo (derivado da palavra grega *tyché*), umas das teses mais controversas do autor, mas também um dos aspectos mais originais de sua metafísica. A proposta deste artigo, dividido em duas partes, é demonstrar como a noção de acaso ontológico fundamenta o método pragmatista de Peirce, conectando, dessa forma, metafísica e pragmatismo. Na primeira parte, “O Problema das Fontes Gregas do Tiquismo”, verificamos que, enquanto o acaso matemático possui parâmetros na física estatística e teoria evolucionista do século 19, o acaso absoluto é uma concepção mais original do que os primeiros comentadores supunham, ao apontarem referências diretas na doutrina do *clinamen* de Epicuro e na teoria das causas acidentais em Aristóteles. Nesta segunda parte, sustenta-se que os conceitos aristotélicos de potência e possibilidade real fornecem ideias mais próximas daquilo que Peirce pretendia demonstrar com a tese metafísica do tiquismo. E, além disso, permitem compreender a importância do acaso absoluto para o método pragmatista e prover uma abertura para pesquisas ulteriores no campo da ética.

**Palavras-chave:** Acaso. Tiquismo. Possibilidade. Potencialidade. Aristóteles. Pragmatismo.

**Abstract:** Charles Sanders Peirce (1839-1914) defined two different but complementary concepts of chance in his philosophy. First, mathematical chance, which refers to the unknowledge of complex causes for human understanding, whose phenomena can be described by the theory of probabilities. But the absolute chance principle is one of real contingency and spontaneity that violates, in a certain degree, the Laws of Nature. This is the core of the doctrine of tyquism (derived from the Greek *tyché*), one of most controversial thesis of the author, but also one of the most original characteristics of his metaphysics. The purpose of this article, divided into two parts, is to demonstrate how Peirce’s pragmatist method is based upon the notion of ontological chance, connecting, in this way, metaphysics and pragmatism. In the first part, “The Problems of Greek Sources of Tychism”, we verified that while mathematical chance has parameters in statistical physics and evolutionary theory of the 19<sup>th</sup> Century, absolute chance is a more original conception than the early scholars had supposed when pointing to direct references in Epicurus’s doctrine of *clinamen* and Aristotle’s theory of accidental causes. In this second part, we argue that the Aristotelian concepts of potency and real possibility are closer ideas to what Peirce intended to demonstrate by the metaphysical thesis of tyquism. , Moreover, these concepts enable us to understand the importance of absolute chance for the pragmatist method and provide an opening for further research in the field of ethics.

**Key-words:** Chance. Tychism. Possibility. Potentiality. Aristotle. Pragmatism.

\*\*\*

## Introdução

Um dos maiores problemas da filosofia de Charles Sanders Peirce concerne ao entendimento da doutrina do acaso absoluto, o tiquismo. Apesar de ser uma das teses mais originais do autor, fato raramente reconhecido entre comentadores, é uma das mais controversas. Em parte, isso se deve à falta de precisão com que Peirce articulou dois conceitos em sua obra: o acaso matemático, que diz respeito à propriedade estatística dos fenômenos, e o acaso absoluto, que expressa um princípio de espontaneidade que rompe, em algum nível, a ação das leis da Natureza. Ambos são objetivos, mas somente o segundo postula um universo de puro acaso, escolhas, incertezas e relações acausais. Esse é um dos tópicos mais ousados e ainda pouco explorados da metafísica peirciana.

Na primeira parte deste artigo (“O Problema das Fontes Gregas do Tiquismo”) objetivou-se estudar as influências e parâmetros do tiquismo em duas fontes gregas indicadas pelo próprio filósofo em seus textos: a teoria das causas acidentais de Aristóteles e a doutrina do *clinamen* de Epicuro. Conforme demonstrado, ambas as concepções não dão conta da abrangência conferida pelo tiquismo, principalmente pelo fato dos gregos desconhecerem relações que não aquelas de causalidade, ou seja, eles ignoravam, ao que parece, algo próximo do que Peirce buscava com a categoria da Primeiridade, que subsume o acaso.

O objeto de estudo da segunda parte do artigo são os conceitos metafísico de potência e lógico de possibilidade, que se aproximam mais do que Peirce pretendia com sua ontologia do acaso e fornecem suporte ao pragmatismo do autor, a partir do momento em que adota o realismo escolástico. No primeiro capítulo, “Doutrina do Ato e Potência em *Metafísica* e Possibilidade de Aristóteles” apresentam-se as definições de potencialidade no contexto da obra *Metafísica* e o conceito de possibilidade, segundo o filósofo grego. No segundo capítulo, “Possibilidade Real e Pragmatismo em Peirce”, discute-se o conceito de possível em Peirce, sua relação com o acaso e sua importância na reformulação do pragmatismo, na fase madura do filósofo. Conclui-se a pesquisa afirmando que a noção de “ser em ato” e “ser em potência”, em Aristóteles, se traduzem, no pragmatismo, em uma relação entre particular e dois modos lógicos de indeterminação, o vago/possível e o geral, sob uma ótica realista que contempla uma ontologia do acaso singular na história da filosofia.

### 1. Doutrina do Ato e Potência em *Metafísica* e Possibilidade de Aristóteles

Quando Aristóteles propôs a doutrina do ato e potência como um dos modos de expressar o ser (E 2, 1026<sup>a</sup>35), ele tinha em vista o problema do movimento e, num sentido mais abrangente, a contingência da realidade frente à necessidade de conhecer o mundo reduzindo a multiplicidade dos fenômenos à unidade conceitual. Como seria possível compreender o que estava em constante mudança? Os filósofos jônicos buscaram uma *arché* (*ἀρχή*), um princípio que seria ao mesmo tempo causa primordial e unidade constituinte da natureza. Para Heráclito de Éfeso, seria o fogo o elemento físico transformador que, em sua inconstância, simbolizaria uma natureza processual. Por esta razão, o filósofo aceita o movimento como propriedade do ser e a realidade como fluxo constante, eterno devir entre o ser e o não-ser. Ele exemplificava isso com a metáfora de um homem que se banha num rio. A corrente nunca é a mesma e tampouco o homem, sujeito às mudanças do tempo. Mas, ao mesmo tempo, tanto rio quanto o homem mantém o caráter uno. São, portanto, *ser e não ser* ao mesmo tempo. Heráclito foi o primeiro filósofo a afirmar que ser é devir e a paridade entre *ser e não ser* ( $A = \neg A$ ), e que a essência da natureza é o transitório, o movimento.

Parmênides, do mesmo modo que Heráclito, acreditava que os sentidos não eram fontes confiáveis do conhecimento, pois somente davam acesso às aparências, diferentemente da razão, que podia revelar a essência das coisas. Mas, oposto a Heráclito, acreditava que o movimento era apenas um atributo aparente de uma realidade que era, em essência, imutável. A explicação para isso era lógica: não se pode pensar ou dizer o não-ser, somente o ser (pensar o não-ser ou dizer o não-ser seria não pensar e não dizer nada). Assim, formulou a tese de que “o ser é e não pode não ser” ( $A=A$ ), que é o contrário da afirmação heraclitiana.

Em Platão, o mundo é dividido em sensível, que é aquele sujeito ao movimento; e mundo das idéias, reino do imóvel e imutável, sendo que o sensível era o mundo das aparências.

Aristóteles, de forma original, reconhece além do ato, ou da necessidade em Parmênides, o modo de ser em potência. *Ser* (ato) e *não-ser* (potência) poderiam, assim, ser reconciliados sem contradição. Isso porque  $A$  não difere de não- $A$  como existente de não-existente, mas como um existente (atual) de uma existência em potencial (potência), como quando um homem que não é cego está de olhos fechados, mas tem a potência de enxergar as coisas.

Potência (*δύναμις*) é um princípio de movimento ou de mudança:

- (i) que se encontra “em outra coisa ou na própria coisa enquanto outra” ( $\Delta$  12, 1019<sup>a</sup>15). Por exemplo, a arte de construir é uma potência que não está na coisa construída, mas no profissional. A arte de curar, por outro lado, pode estar em potência naquele que está sendo curado, um médico enfermo, mas não ao mesmo tempo em que é curado, pois nesse caso ele não seria mais o paciente; ou
- (ii) um “princípio pelo qual uma coisa é mudada ou movida por outra ou por si mesma enquanto outra” ( $\Delta$  12, 1019<sup>a</sup>20). A madeira tem a potência de ser transformada pelo fogo.

No primeiro caso a potência se diz *ativa*, quando a potência é a capacidade de produzir mudança em outro ou em si mesmo, como o médico que pode curar o paciente ou sua própria doença. No outro caso, a potência se diz *passiva*, quando algo pode sofrer uma mudança provocada por outro agente ( $\Theta$  1, 1046<sup>a</sup>20-30).

Em relação às coisas, a potência pode ser *racional*, quando se encontra em seres animados (ou com *lógos*), ou *irracional*, em seres inanimados (ou sem *logos*) ( $\Theta$  1, 1046<sup>a</sup>5). O que as diferencia é que a racional é capaz de gerar efeitos contrários. Um médico pode escolher curar ou matar seu paciente, ainda que seja orientado à primeira opção, positiva. Potência irracional, de outro modo, pode somente produzir um único efeito contrário, para o qual foi designada. Por exemplo a madeira, que não escolhe queimar ou não queimar. Assim, potências racionais são adquiridas pelo hábito ou aprendizado, enquanto as irracionais são inatas ou congênicas ( $\Theta$  1, 1047<sup>b</sup>35).

Note-se que as potências irracionais perfazem o domínio do que é necessário – aquilo que não pode ser de outro modo. As racionais, enquanto possíveis de efetivar escolhas, perfazem o domínio do possível.

Do ponto de vista ontológico, potência e ato são modos de ser: tudo que é, é em ato; potência é o ser que ainda não se realizou. Como um escultor que tem potência para esculpir, mas somente realiza seu feito quando essa potência torna-se ato, na forma de uma escultura. Nas palavras de Aristóteles:

E o ato está para a potência como, por exemplo, quem constrói está para

quem pode construir, quem está desperto para quem está dormindo, quem vê para quem está de olhos fechados mas tem visão, e o que é extraído da matéria para a matéria e o que é elaborado para o que não é elaborado. Ao primeiro membro dessas diferentes relações atribui-se a qualificação de ato e ao segundo de potência. (Θ 6, 1048b).

A passagem do ser em ato para o ser em potência ocorre observando-se as condições de haver uma vontade (no caso de potências racionais) e de não haver impedimento externos (potências racionais e irracionais) (Θ 6, 1049<sup>a</sup>5). Um médico pode curar desde que queira e que não seja impedido de exercer a profissão.

Em resumo, se uma coisa tem potência para fazer ou padecer de algo, desde que não haja impedimentos externos ou internos, a potência se tornará ato, isto é, sairá do domínio do possível para o reino do concreto. Estabelece-se, assim, uma passagem do indeterminado para o determinado, do indefinido para o definido. E somente dessa forma, quando a matéria (potência) adquire forma (ato), adentrando ao mundo sensível dos fenômenos, o conhecimento se torna alcançável. E, uma vez em ato, retorna a potência, completando o ciclo. Como o exemplo de Sócrates que toca uma flauta. Ele só pode tocar porque tem potência para isso, e só efetiva essa potencialidade quando toca (ato). E, na medida em que toca a flauta, adquire mais destreza e conhecimento potencial, para de novo colocar em prática. Potência, portanto, é tanto uma disposição para uma prática – um pedreiro para construir uma casa – quanto para adquirir habilidades para ter a disposição para uma prática (o pedreiro que pode aprender outro ofício), desde que não seja coagido por condições externas.

Potência, então, se conecta a uma definição de possibilidade lógica em Aristóteles. Possível, segundo o filósofo, é quando o contrário não é *necessariamente* falso. Por exemplo, é possível que um homem esteja sentado porque não é necessariamente falso que ele não esteja sentado. Do mesmo modo, impossível é aquilo cujo contrário é necessariamente verdadeiro. Todos os ângulos retos são diferentes entre si é impossível porque seu contrário é necessariamente verdadeiro (*De Interpr.* 13, 22b5). Portanto, o ser possível ou ser contingente é um ser em potência, um ser cuja atualização não é um evento impossível de ocorrer nem necessário:

Algo é em potência se o traduzir-se em ato daquilo de que se diz ser ele em potência não implica nenhuma impossibilidade. Dou um exemplo: se alguém tem potência para sentar-se e pode sentar-se, não terá nenhuma impossibilidade de fazê-lo quando tiver de se sentar. E de modo semelhante quando se tratar da potência de ser movido ou de se mover, de estar parado ou de parar, de ser ou de vir a ser, de não ser ou de não advir. (Met., Θ, 3,1047<sup>a</sup> 25).

Aristóteles ainda distingue em *Da Interpretação* dois sentidos de possível no âmbito da doutrina da potência:

- (i) em se tratando de coisas atualizadas, o possível está no ato, como uma pessoa que caminha e, ao mesmo tempo, possui a potência de caminhar;
- (ii) em se tratando de coisas em potência, a possibilidade em ser gerado o ato. Por exemplo, alguém que está parado e tem potência para caminhar, é possível que o faça, desde que não seja impedida disso (*De Interpr.* 13, 23<sup>a</sup>1).

Outra distinção é feita em *Analíticos Anteriores* entre (i) o que ocorre geralmente, mas sem necessidade e (ii) o que ocorre tanto de um modo quanto do outro (*An. Ant.* I, 13 32b5 a 15). São definições, no entanto, imprecisas, pois podem ser aplicadas também àquilo que é provável: é provável que fique grisalho quando velho, mas não é certo (i); é provável que tal coisa aconteça deste modo, mas pode acontecer de outro (ii).

Há, porém, uma necessidade em se tratando de potências irracionais ou sem *lógos*, que são aquelas que não geram contrários. O fogo pode apenas queimar, não pode escolher não-queimar, o que elimina o caráter de possibilidade definida como escolha de contrários e oposta à necessidade. Pode ser entendido, deste modo, que a liberdade está circunscrita a escolhas, *logos*, em resumo, à esfera humana do ser de potência racional?

Aristóteles reconhece, em primeiro lugar, o caráter contingencial e indeterminado do universo, tanto em sua doutrina das causas acidentais (conforme visto na primeira parte deste artigo) quanto na doutrina da potência. No caso dos fenômenos naturais, o acaso é residual e circunscrito a redes de intrincadas redes causais. Já as potências racionais conferem ao homem o poder de escolha e se revestem de um caráter prático na conduta ética, uma vez que, de outro modo, estaria destituído de responsabilidades num mundo mecânico. Peirce, ao contrário, vai mais além ao postular um mundo de acaso onde a ordem é um fenômeno “marginal”. Mas é da doutrina das potências metafísica de Aristóteles e da concepção de possibilidade lógica que o tiquismo – doutrina do acaso absoluto – mais se aproxima, e que conecta sua metafísica ao pragmatismo, conforme mostramos a seguir.

## 2. Possibilidade Real e Pragmatismo em Peirce

Uma das características mais proeminentes da filosofia de Charles S. Peirce, e também que diferenciam seu pragmatismo de outros expoentes da corrente filosófica, é o realismo sustentado pelo autor. Peirce reconhece não somente a existência de individuais, como “esta cadeira” e “esta mesa” em particular, como também a realidade lógica e ontológica de coisas possíveis e gerais, que são também dois modos de indeterminação. O reconhecimento de possibilidades reais, sobretudo, permite outorgar ao realismo peirciano o predicado de “extremo”, e é essa argumentação de influência aristotélica que proporciona uma relevante base para a doutrina do tiquismo.

Em “Possibility, Impossibility and Possible”, publicado em 1902 no segundo volume do *Dicionário de Filosofia e Psicologia*, editado por James Mark Baldwin (CP 6.364-371), Peirce faz uma síntese da sua lógica da possibilidade, com definições que lhe custaram anos de trabalho e que congrega não somente aspectos lógicos da possibilidade como também o acaso absoluto, em manifesta influência de Aristóteles. Peirce inicia o artigo definindo os significados de possível em duas categorias: (i) aquelas que possuem um valor ontológico objetivo ou lógico subjetivo; e (ii) aquelas que possuem um uso antitético à atualidade ou necessidade. Pela primeira (i), ele fará uma defesa do significado ontológico e objetivo, em oposição a uma concepção subjetivista de possível, que permitirá discutir o pragmatismo. Pela segunda (ii), ele fornecerá uma definição inédita de acaso e uma clara interpretação da doutrina da potência aristotélica, como mostra o seguinte quadro:

<b>POSSIBILIDADE</b>	<b>I) LÓGICA/ SUBJETIVA ONTOLÓGICA/ OBJETIVA</b>		
	<b>II) CONTRÁRIA À ATUALIDADE OU À NECESSIDADE</b>		
	<b>1) <u>Não Atual</u></b>	<b>1.1 Ser Potencial (objetivo)</b>	
		<b>1.2 Ser Possível (lógico)</b>	
	<b>2) <u>Não Necessário</u></b>	<b>2.1 Acaso Objetivo</b>	<b>2.1.1</b> Contrário à causalidade biunívoca
<b>2.1.2</b> Contrário à causalidade teleológica			
<b>2.2 Possibilidade objetiva</b>			

**Tabela 1:** Quadro sintético da Lógica da Possibilidade de Peirce.

Seguindo o texto de Peirce e a ordem estrutural do presente artigo, explica-se, primeiro, a conceituação de possível como contrário à atualidade ou à necessidade (II). Por possibilidade contrária à atualidade (1), Peirce entende de dois modos: objetivamente, como o ser não presente na sua forma atual, mas possível de ser no futuro, quando as condições para sua atualização estiveram reunidas. É, basicamente, o que Aristóteles entende por *ser em potência* (1.1); logicamente, é uma condição de ser possível de atualização ou não, como quando se afirma que “Possivelmente, vai chover amanhã”. Podemos definir esse como *ser possível* (1.2). No primeiro caso, o ser em potência, aplica-se o verbo *can be*, enquanto no segundo, o *may be*. A frase “Eu posso [*can*] ir à sua casa”, significa que tenho a potencialidade de fazer isso, caso não seja impedido por fatores internos (como um súbito mal estar ou simples falta de vontade) ou externos (como uma mudança drástica no tempo); enquanto que em “Eu posso [*may*] ir (ou não) à sua casa”, tem-se uma condição lógica em que devo escolher entre A ou B, mas que, enquanto não escolho, permanece vaga ou indefinida.

Contraposto ao necessário, o possível também se ramifica em dois sentidos diferentes. O primeiro, de acaso ou contingência, como um “fato objetivo” (2.1), que identificamos com o acaso ontológico, ou a doutrina do tiquismo. Peirce divide essa noção em duas formas de oposição à necessidade: (i) como algo que não é derivado nem explicado por causalidade biunívoca ou, em termos aristotélicos, causas eficientes; e (ii) oposto à causalidade teleológica, ou a causas finais em Aristóteles. Esta passagem, ainda, corrobora com nossa hipótese de que a propriedade de violação das leis em Peirce revela que o acaso do autor é muito mais radical e inovador do que supunham os comentadores (SALATIEL, 2009). Também aqui Peirce vai além de Aristóteles ao confrontar o caráter necessário do universo com o acaso. Do ponto de vista lógico, o possível como algo que é oposto ao necessário (2.2) é aquilo cuja existência pode ser concebida de outro modo pela razão e que se opõe à necessidade matemática ou metafísica. No exemplo fornecido por Peirce, uma tempestade em curso é atual mas não necessária, pois não decorre de antecedentes racionais, mas empíricos.

Em relação aos conceitos lógicos/ subjetivos e ontológicos/ objetivos, Peirce percorreu um caminho de uma noção que ele mesmo considerou nominalista para uma

realista. Tal passagem ocorre entre os anos de 1896 e 1897 (CP 3.527 e CP 8.308), quando revê sua conceituação anterior, de possibilidade como uma proposição da qual não se pode afirmar a verdade ou falsidade. Nela, dizia: existem coisas que são possíveis porque não sabemos se são verdadeiras ou falsas: “Não se pode dizer se X é verdadeiro ou falso”, logo, “X é possível”. Possível era definido como um estado de informação a respeito do qual não se pode dizer ser falso (ou verdadeiro), ou seja, uma definição relativa à ignorância. Do mesmo modo, definiu necessidade como um estado de informação que é perfeitamente sabido ser verdadeiro e, contingência, como aquilo que permanece incerto (“The Essence of Reasoning”, 1893, CP 3.65).

Peirce considerou essa primeira definição um *anacoluto* (“The Logic of Relatives”, CP 3.527, 1897), isto é, sem sequencialidade lógica, porque a premissa “X é possível” deveria vir antes de sua consequência - “Não há como afirmar a validade ou falsidade de X”. Além disso, estabelecia condições epistêmicas de possibilidade, entendida como atributo subjetivo e relativo ao desconhecimento dos valores de verdade ou falsidade da proposição.

Na inversão, a condição epistêmica passa a ser determinada pelo estatuto modal: “Não se sabe se X é ou não verdadeiro”, dado que “X é possível” (cf. NOBLE, 1989:164). Peirce reconhece que existe um mundo potencial tanto quando um sensível, empírico, onde são formuladas hipóteses que são submetidas, posteriormente, ao confronto com a realidade.

Em “Issues of Pragmaticism” (EP 346-359), de 1905, Peirce define o realismo escolástico como

(...) a opinião de que existem objetos reais que são gerais, entre os vários modos de determinação de existentes singulares; isto se, na verdade, esses não forem os únicos objetos. Mas a crença nisso dificilmente pode escapar de ser acompanhada do reconhecimento de que há, além disso, *vagos* reais e, sobretudo, *possibilidades* reais. Visto possibilidade ser a negação de uma necessidade, que é um tipo de generalidade, é vaga como qualquer outra contradição de um geral. Na verdade, aquilo que o pragmaticismo mais insiste é a realidade de algumas possibilidades. (EP 2, 354).

Tal afirmação assinala uma revisão do método pragmatista de Peirce – ao qual passou a chamar de pragmaticismo, para se diferenciar de outras variações em voga (“What Pragmatism Is”, 1905, EP 2 331-345) – com base no realismo. Se na máxima de 1878 (CP 5. 388-410; EP 1, 124-141, “How to Make Our Clear Ideas”) o significado de uma proposição era dado em seus efeitos práticos, agora são visados os efeitos concebíveis por uma hipótese formulada. No exemplo da proposição “O diamante é duro”, ela terá um significado pragmático não somente após o diamante ser submetido a testes que comprovem sua resistência diante outros materiais (como afirmava a primeira máxima do pragmatismo), mas na possibilidade (real) que a substância possui de resistir à pressão de outros elementos em infinitos testes futuros. Nota-se que é a mesma inversão que Peirce fez em sua definição de possibilidade: não é o desconhecimento sobre a propriedade dura ou não do diamante que valida a possibilidade da proposição, mas antes, porque é possível que pode ser validada *in futuro*. Dizer que o diamante é duro significa que “Se o diamante fosse submetido a testes de dureza, ele resistiria à pressão de outros objetos”. O sentido da proposição “O diamante é duro” é o fato de que esta seria a conclusão lógica *caso* o objeto fosse submetido a testes. A realidade expressa não é atual, mas potencial, possível de ser atualizada, de se tornar um existente. O significado de uma proposição, deste modo, é um geral condicional, um possível e ser potencial. Na reformulação da máxima, pragmatismo é um método em que o significado de um conceito é dado na conduta racional concebível que proporciona, a partir de seus efeitos experienciáveis:

Pragmaticismo faz do propósito intelectual último do que você queira consistir em resoluções condicionais concebidas, ou sua substância; e, portanto, as proposições condicionais - com seus antecedentes hipotéticos, aos quais consistem essas resoluções, e sendo da natureza última do significado - devem ser capazes de serem verdadeira, isto é, de expressarem o que quer que exista conforme a proposição expressa, independentemente de ser pensada, para ser assim em qualquer juízo, ou ser representada para ser assim em qualquer outro símbolo de qualquer homem ou homens. Mas isso equivale a dizer que possibilidade é, por vezes, de um tipo real. (EP 2, 354).

Em resumo, a relação potência-ato em Aristóteles conforma-se, em Peirce, a uma relação geral-particular que constitui o cerne de seu método pragmatista, onde um primeiro, indeterminado e de pura potencialidade, deve definir-se enquanto atual, existir como fenômeno para então ser generalizado, ou seja, interpretado numa malha teórica e assim, adquirir contornos de outra indeterminação (CP 5.412 e CP 5.438, 1905). Por esta razão, Peirce afirma que o pragmatismo requer a realidade dos três modos de ser: o Necessário, o Atual e, sobretudo, o Potencial. E essa propriedade hipotética e possível das coisas corresponde a uma variedade e contingência do universo. E, ainda, é somente num mundo de possibilidades que pode haver uma conduta ética, baseada em escolhas responsáveis balizadas pela lógica.

### Considerações finais

Peirce, portanto, assume não somente a possibilidade lógica como a potencialidade metafísica de Aristóteles. Ambos os conceitos são fulcrais na ontologia tiquista e no pragmatismo do filósofo. No acaso absoluto, Peirce vai além do que os gregos entendiam por acaso, mas possui um débito com o entendimento aristotélico de potência como algo oposto à necessidade. Será também uma compreensão importante no papel do acaso na cosmologia peirciana, questão que não foi objeto de análise no presente artigo (cf. SALATIEL, 2008).

No pragmatismo, o reconhecimento da realidade do ser possível e a alternância metafísica entre ato e potência no âmbito do que é particular e geral vai afastar Peirce tanto do transcendentalismo kantiano, para quem as condições de possibilidade são subjetivas, quanto de um empirismo humano e positivismo lógico, para quem a realidade se reduz a fatos particulares.

Futuras pesquisas poderão explorar as consequências lógicas do acaso na ética como ciência normativa em Peirce. Do mesmo modo que a doutrina da potência exposta em *Metafísica* foi importante para a ética aristotélica, seria pertinente investigar, em Peirce, as implicações de uma ação deliberada num mundo de acaso.

\* \* \*

### Referências bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. 3v. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. “Da Interpretação” e “Analíticos Anteriores”, em *Órganon*. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2005.

FISCH, Max H. *Peirce, Semeiotic, and Pragmatism*. Kenneth Laine Ketner e Christian J. W. Kloesel (ed.). Bloomington: Indiana University Press, 1986.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. Col. Estudos, vol. 130. São Paulo: Perspectiva e Hólon, 1992.

NOBLE, N.A. Brian. “Peirce’s Definition of Continuity and the Concept of Possibility”, in *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, vol. XXV, nº 2, 1989, p. 149-174.

PEIRCE, Charles Sanders. (1931-1958). *Collected Papers*. 8 vols. Charles Hartshorne, Paul Heiss e Arthur Burks (eds.). Cambridge: Harvard University Press. [Citado como CP seguido do número do parágrafo]

\_\_\_\_\_. (1992). *Essential Peirce*. Nathan Houser et al. (eds.). 2 vol. Bloomington: Indiana University Press. [Citado como EP seguido do volume e número da página]

SALATIEL, José Renato. “O Que Peirce Quer Dizer Por Violação das Leis da Natureza?”, em *Cognitio – Revista de Filosofia*, São Paulo: EDUC, vol. 10, n. 1, p. 105-117, 2009.

\_\_\_\_\_. (2008). *Sobre o Conceito de Acaso na Filosofia de Charles Sanders Peirce*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC (inédita).